



III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UEG

O SAGRADO E O PROFANO NA FESTA EM LOUVOR A SANTA RITA DE CÁSSIA, NA CIDADE DE PONTALINA-GO.

Ruth Carla Benicio da Silveira¹

Universidade Estadual de Goiás

Morrinhos, Goiás, Brasil

ruthcarlabenicio@gmail.com

Resumo: O sagrado pode ser descrito como uma oposição ao profano. Defini-los em bases religiosas, neste sentido, é buscar resposta a nossa volta, ou seja, nas pessoas, nos rituais, no ambiente social e cultural a qual ambos se complementam. Isso porque o sagrado e o profano devem se encaixar na esfera do mundo, porque são dois elementos distintos que regem a estrutura cósmica; ou seja, que dão significado à existência humana, seja no plano físico imanente, seja no plano subjetivo transcendental. Eles estão presentes em todas as manifestações humanas e são justamente eles que fazem com que haja diferença entre as religiões, pois são eles que determinam os rituais, os símbolos, os templos, os mitos e as crenças. O que pretendemos analisar então são como estas duas “qualidades do ser no mundo” (Eliade) influenciam a vida religiosa, social e cultural do homem. Para iniciar a análise iremos trabalhar precisamente três autores, dentre outros tangenciais; que discutem as tipologias do sagrado e do profano: Rudolf Otto, que busca a sua análise dos elementos na própria essência divina, na natureza irracional, para explicar a racionalização do sagrado para com a vida humana; Mircea Eliade que irá sistematizar o sagrado e o profano como um todo, mostrando como os elementos se encaixam na ordem cósmica do mundo, mesmo fora da essência religiosa; e Emile Durkheim em sua “As formas elementares da vida religiosa”, onde discute a ordem do sagrado e do profano, mas enfatizando a ética moral que os mesmos regem sobre a sociedade. Portanto a escolha destes autores está intimamente ligada pela discussão que os mesmos estabeleceram a respeito do sagrado e do profano e o que se pretende é fazer um levantamento acerca destes elementos para com o fenômeno cultural, social e principalmente religioso, na relação que o homem tem com a esfera do sagrado e do profano na sua vida em sociedade.

Palavras-Chave: sagrado, profano, festa, religião e cultura.

¹ Graduanda em História pela UEG, Unidade de Morrinhos.

1. AS CONCEPÇÕES DA FENOMENOLOGIA E SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO PARA OS PARÂMETROS CONCEITUAIS DO SAGRADO E DO PROFANO

1.1. O princípio de criação e existência entre o sagrado e o profano

Apesar de o sagrado e o profano estarem ligados ao dia a dia do ser humano, como a cultura, política, a economia e a sociedade, eles nasceram com a mais antiga forma observável de manifestação das crenças humanas: a religião. No entanto, o conceito de religião ainda não definido nas premissas do tempo, já existia em atuação, através da magia, das crenças místicas, dos cultos e rituais de veneração e agradecimento. Portanto, o homem as estabeleceu como forma de suprir sua necessidade existencial.

Após o início da formação dos indivíduos como agentes sociais e coletivos, a adoração faz parte de uma cultura de sobrevivência, que se inicia como uma forma de agradecimento pelos elementos sagrados oferecidos pela natureza ou por algum deus, tais como a chuva, o sol, o fogo e a terra. Agradecendo e criando rituais, os homens passam a sentir-se seguros; acreditando que nada a sua volta iria se modificar, ou que nos momentos de dificuldades algum ser misterioso iria ajudá-los: um deus criador e protetor.

A partir da criação dos mitos, da construção de templos, e a personificação de deuses, que, segundo os homens, fossem capazes de realizar o impossível e despertar a fé, nascem as duas ordens fundamentais para a existência religiosa: o sagrado e o profano, que são intimamente ligados às manifestações de adoração.

Émile Durkheim supõe uma classificação das coisas reais ou ideais, que o Homem concebe, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras profano e sagrado traduzem bastante bem. (DURKHEIM, 1996, p.19)

Ao dizer isso, ele sistematiza uma divisão em duas ordens que ocupam o mesmo espaço cósmico, no qual o homem tem poder de escolher uma vida no sagrado ou uma vida longe do sagrado, ou seja, uma vida profana.

A divisão do mundo em dois domínios que compreendem um tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distinto do religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem as coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhe são atribuídos, sua história, suas relações mutuas e com as coisas profanas. (DURKHEIM, 2003, p. 32)

Portanto, Durkheim sistematiza essas relações, dentro da ordem religiosa; apesar de não se poder descrever a origem da religião e de seus elementos, o sociólogo trabalha voltado para as causas, os efeitos e as práticas religiosas na vida social. Mesmo que toda religião se volte para aspectos transcendentais, as mesmas são carregadas de necessidades sociais.

A religião não se limitou a enriquecer com um certo números de idéia um espírito humano previamente formado; também contribui para formar esse espírito. Os homens não lhe devem apenas, em parte notável a matéria de seus conhecimentos, mas igualmente a forma segundo a qual esses conhecimentos são elaborados. (DURKHEIN, 1996, p.XV)

Portanto se segundo, Durkheim as relações de sagrado e profano são avaliadas de acordo com a ordem religiosa, então estas tipologias devem ser avaliadas de acordo com sua especificidade religiosa; isso porque o sagrado e o profano não terão a mesma essência no cristianismo, no espiritismo ou no budismo.

Já Mircea Eliade descreve o sagrado e o profano com base na teoria da criação do mundo, segundo a estrutura do cosmos e do caos.

O espaço parece consequência da oposição entre um território habitado e organizado, portanto cosmizado, e o espaço desconhecido que se estende para além de suas fronteiras: tem-se de um lado o cosmo e de outro o caos..., o cosmos foi consagrado, porque de um modo ou de outro, esse é território dos deuses ou está em comunicação com o mundo deles. (ELIADE, 2000, p. 21)

Em oposição à Eliade, portanto, Durkheim descreve o sagrado e o profano dentro de uma ordem religiosa, mas que se cria, baseando-se em normas e condutas sociais e de interesses humanos.

A coisa sagrada é por excelência aquela que o profano não deve e não pode impunemente tocar [...] as coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer a distância das primeiras. (DURKHEIM, 1996, p.23-24)

Ao contrário de Durkheim, Eliade acredita que tudo que é criado pelos deuses é sagrado, portanto impossível de haver no mundo ou na ordem cósmica algo que seja profano. O profano para ele é o caos-lugar, este desconhecido pelo homem, onde habita as trevas e os demônios, e que, toda ordem cósmica era antes caótica, mas os deuses a transformaram e os homens em agradecimento criou os ritos e as crenças para adorar a estes deuses criadores: “O sagrado revela a realidade absoluta e, ao mesmo tempo, torna possível a orientação, portanto, funda o mundo, no sentido de que fixa os limites e, assim, estabelece a ordem cósmica”. (ELIADE, 1992, p. 21)

Desse modo há duas dimensões: o “cosmo” que consiste no mundo conhecido e organizado, portanto, fruto do estabelecimento da ordem pelas divindades primordiais e mantido pelas que ainda existem, também chamado por Eliade de “espaço sagrado”, e o “caos”, desconhecido e vazio, antagônico – embora complementar – ao cosmos, representado pela ausência de ordem, sentido e compreensão existencial, também chamado de espaço profano.

O mundo deixa-se perceber como mundo, como cosmos, à medida que se revela como mundo sagrado, porque foi criado pelos deuses e consagrado pelos homens, ao ritualizarem o ato exemplar da criação. O terror diante do sagrado do “caos” corresponde ao terror do nada. O espaço desconhecido que se estende para além do seu “mundo”, espaço não cosmeizado porque não consagrado, simples extensão amorfa onde nenhuma *orientatio* foi ainda projetada e, portanto, nenhuma estrutura se esclareceu ainda [...] este espaço profano representa para o homem religioso o não ser absoluto. (ELIADE, 1992, p.36-37)

Apesar dos questionamentos de ambos na atribuição de surgimento do sagrado e do profano na ordem do mundo e nas manifestações religiosas, as duas tipologias significam veneração\aproximação e repúdio\separação, no qual o homem religioso busca para si apenas o contato com o sagrado se afastando do profano.

Desse modo, se torna impossível a existência humana longe do sagrado ou do profano, por mais religioso ou não-religioso que seja o homem, de alguma forma tudo foi criado segundo uma ordem elementar, e mesmo que este queira se afastar jamais poderá conseguir, pois o mundo é sagrado, mas o homem em sua capacidade tem o poder de viver segundo os rituais sagrados ou longe deles, abandonando e se tornando um ser profano ou não religioso.

1.2. O humano entre o sagrado e o profano

Como já afirmamos, o profano é a ausência do sagrado (ao mesmo tempo que seu complemento), o homem que vive longe dos espaços sagrados, dos rituais e das crenças é considerado pela religião um ser profano. Para Eliade tudo que foi criado no cosmo é sagrado, portanto só existe **profanização**; quando homem afeta diretamente esse cosmo, fazendo com que ele se torne caótico.

Ou seja, o cosmo; lugar organizado e habitando, tornou-se assim graças a consagração dos deuses e seres supremos, e o próprio homem é parte disso. E quando a uma ruptura na desvalorização do cosmo, há uma prática profana. “Mas é preciso observar se todo o território habitado é o cosmo, é justamente porque foi consagrado previamente, porque, de um modo ou de outro, esse território é obra dos deuses ou está em comunicação com o mundo deles.” (ELIADE, 2003, p.21)

Portanto Eliade define o sagrado como as coisas do mundo organizado e o profano como destruição, ou falta de organização do mesmo, podemos ter por exemplo a conquista da América pelos europeus. Assim os homens imitam os deuses através da cosmogonia.

É interessante notar que o homem religioso assume a humanidade que tem um modelo transumano, transcendente. Ele só se reconhece como humano quando imita seus deuses, os heróis civilizadores do passado ou os antepassados místicos... O homem religioso não é dado: faz a si próprio ao se aproximar dos modelos divinos. (ELIADE, 2003, p.52)

Para Durkheim o homem é um ser profano, quando não cumpre com os desígnios normativos estipulados pela religião do que é ou não sagrado. Dentro da ordem dualista da religião (sagrado e o profano), o homem que vive segundo os ensinamentos religiosos tem uma vida no sagrado; já aquele que se distancia do mesmo tem uma vida no profano.

Nesse sentido a uma sintonia entre Durkheim e Eliade, pois o ultimo sistematiza a ordem do sagrado na organização do cosmo e o primeiro sistematiza essa organização através dos parâmetros normativos taxados pela religião.

A nosso ver, apesar da religião determinar essas tipologias, não é preciso homem viver de acordo com algum parâmetro religioso para viver ou não no sagrado, desde que ele viva, segundo preceitos que não afete a sua vida e a dos outros. Isso porque, o homem vive em uma sociedade regida por normas, que se baseiam na esfera religiosa, em suma ele irá segui-lo mesmo contra a sua vontade e inconscientemente, ou seja, participar ou nos dos ritos e crenças não determina o ser sagrado e o ser profano, determina o religioso e não religioso.

Essa ausência de religião, mais no sentido de laicidade que de ateísmo, não se trata da ideia de repúdio e preconceito a religiosidade qualquer, mas de indiferença. Isso porque o laico não necessita do caráter normativo do sagrado para viver. “No que se refere às religiões, o laicismo superado a sua fase primitiva e infantil de anticlericalismo, declara a sua indiferença perante o sagrado ou então o seu respeito e a sua consideração, afirmado assim seu princípio de tolerância.” (Di Nola, 1976, p.131)

Portanto, o sagrado e o profano não devem apenas ser observados dentro da religião, mas também através de suas singularidades, que Di Nola chama de indícios impessoais, ou seja, “sentimento genérico que está na base das representações pessoais, ou na própria ausência de potência que nelas se subentende.” (p.133) O misticismo pode ser um exemplo claro, de indícios impessoais.

Sendo assim, é possível um homem laico viver no sagrado e não o conceber, isso porque estas tipologias não afetam sua maneira de pensar e agir, mas é claro que se levarmos em qualificações religiosas e normativas seu comportamento pode afetar sua vida social.

O sagrado e o profano devem ser buscados dentro das manifestações humanas e na essência construtiva da sociedade cósmica. O homem necessita de se apegar a algo, e é sua vida social que irá determinar isso e sua identidade carregada de preceitos, nos quais estes serão apreendidos e repassados pelos pais, pelos avós, etc., que vieram de algum lugar e trazem consigo uma história, uma crença ou algum mito que podem estar ou não ligados à religião, mas que nem por isso deixa de se encaixar na esfera sagrada.

A ordem do sagrado vai muito além da religião, ela sistematiza uma razão de viver, um apego que vai além da ordem natural das coisas. Por exemplo: um amuleto que dá sorte,

ou um lugar onde se sente bem. Da mesma forma se desenvolve a ordem do profano, se ligando ao que nos faz mal, que tira a nossa paz e tranquilidade.

O sagrado e o profano são conceitos gerenciados normalmente pela religião, mas em essência, já existiam desde os primórdios da humanidade, especialmente no que se refere à adoração e repúdio, ou seja, no que faz bem e no que faz mal. Assim, é o homem que atribui a esses elementos valores, que vão além do religioso, dando suporte moral, cultural e social a uma determinada comunidade.

Acontece que nos habituamos a usar o sagrado num sentido totalmente derivado, que não é original. Geralmente o entendemos como atributo absolutamente moral, como perfeitamente bom. Kant por exemplo, chama de vontade santa a vontade impelida pelo dever “sagrado” ou da “santa” lei, mesmo quando o que se quer dizer não é nada mais do que sua necessidade prática, seu caráter normativo geral. (OTTO, 2007, p.37)

Para Otto, o sagrado não deve ser definido em bases religiosas e nem ser observado e analisado no convívio social, mas sim apenas discutido através da essência psicanalítica do homem, ou seja, o sagrado só assume seu caráter verdadeiro no contato entre homem e o divino; através do que ele chama de *Mysterium* (mistério). Para Otto, portanto, o sagrado

Não pode ser explicado em conceitos, somente poderá ser indicado pela reação especial de sentimentos desencadeado da psique: “sua natureza é do tipo que arrebata e move uma psique humana como tal e tal sentimento... pode passar para um estado d’alma a fluir continuamente, em duradouro frêmito, até desvanecer, deixando a alma novamente no profano. (OTTO, 2007, p. 44)

Para ele é o contato com o divino que dá luz ao que chamamos de sagrado e isso não pode ser explicado em bases conceituais, pois é um mistério.

Mistério de um modo geral significa inicialmente apenas enigma no sentido de estranho, não compreendido, inexplicado; nesse sentido *mysterium* é apenas uma analogia, oriunda do meio, para aquilo a que nos referíamos, uma analogia que não esgota o objeto em si. (OTTO, 2007, p.58)

Portanto, o sagrado e o profano, para Otto, estão ligados à relação do homem com sua própria experiência religiosa, e sua importância para a busca por compreensão existencial. Este ponto de vista é o que difere Otto de Durkheim, que encontra nestas tipologias formas de controle normativo para a sociedade, dividindo e segregando as relações entre súditos e reis, senhores e escravos, padres e fieis.

Kant, por exemplo, chama de vontade santa a vontade impelida pelo o dever e que, sem titubear, obedece á lei moral. Só que isso seria a vontade moral perfeita. Nesse sentido também se fala de dever sagrado ou da santa lei, mesmo quando o que se quer dizer não é nada mais do que sua necessidade pratica seu caráter normativo geral. (OTTO, 2007, p. 37).

Para Otto, a natureza do sagrado está intimamente ligada ao irracional, aos mistérios divinos. Já Durkheim defende que este está ligado ao controle racional, em que o homem se utiliza dos mistérios divinos para agir sobre a sociedade, condicionando as ferramentas religiosas.

Aqui, destarte, podemos estabelecer uma sugestão de distinção possível entre os dois: Otto analisa o sagrado na experiência humana em relações transcendentais, nas quais este (o humano) sente-se em posição de criatura: “o sentimento da criatura que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura.” (OTTO,2007; p.35). Ou seja, o que importa de fato em Otto é a *experiência* humana com aquilo que acredita ser “divino”. Já Durkheim comprehende o sagrado nas ações dos homens no tempo, que transcendem a ordem irracional de Otto: “as representações religiosas são representações coletivas [...] é legitimo supor que ela seja rica em elementos sociais.” (DURKHEIM, 1996, p.XVI)

No entanto, os dois autores levam em consideração o envolvimento humano nas conjunturas do sagrado e do profano; mesmo que distintamente, são as relações humanas que definem esses dois conceitos.

Apesar do interesse de alguns seres humanos em rejeitar esses elementos, é impossível viver longe dessa esfera do sagrado e do profano. Por mais que não se tenha religião ou não se acredite em algum deus, os homens vivem em uma sociedade regida por pessoas que acreditam e por um sistema de normas, leis e condutas que se originaram de algum credo religioso. “Não existe religiosidade mais avançada que não tenha avançado

também no compromisso e na exigência moral entendidos como exigência da divindade.” (OTTO, 2007, p.91)

O que define o homem na esfera do sagrado e do profano, portanto, é sua relação com a religião ou religiosidade, pois está carregada de rituais e regras, cabendo ao crente viver segundo os preceitos de sua crença. Se o homem não adota para si uma perspectiva religiosa, ele está submetido à uma existência profana, mesmo que ele nem saiba o que isso signifique, pois para ele isso em nada afeta sua vida.

Na perspectiva da existência profana, o homem só reconhece responsabilidade para consigo mesmo e para com a sociedade. Para ele, o Universo não constitui um cosmo, ou seja, uma unidade e articulada; é simplesmente a soma das reservas matérias e de energias físicas do planeta. (ELIADE, 2003, p.49)

E para essa relação humana entre o que é ser sagrado e o que é ser profano, concordamos com Di Nola,

Que a verdadeira religião não consiste na reverência pelo incognoscível, mas no respeito por quem quer que suponha, de modo ou de outro, conhecê-lo ou sofra a angustia ou o terror de não o conhecer. A verdadeira religião não está no respeito transcendente, mas no respeito pelos outros, quer creiam ou não nesse transcendente. (1976, p.131)

Contudo, o que é importante saber é que estes elementos estão presentes na vida humana como um todo, e jamais deixaram de influenciar nas atitudes e escolhas do homem.

1.3. A racionalização dos elementos metafísicos e sua ordem ética entre o sagrado e o profano

O sagrado e o profano são conceitos metafísicos, isso quer dizer que são palavras que provêm da religião que não podem ser explicadas.

Com sua essência religiosa, o sagrado provém das coisas que são consideradas boas para o ambiente social, e o profano como os elementos intocáveis e capazes de levar à perdição da alma e da matéria.

A principal instituição capaz de racionalizar elementos, de adoração, veneração e agradecimento, e transformá-los em normas de conduta e regras sociais, é a religião. A racionalização das idéias metafísicas ou racionalização teórica é fundamental para a formação da ética que depende da combinação entre o culto institucionalizado e a hierarquia sacerdotal. (SANTOS, 2006, p.23)

A igreja é responsável por deter a esfera primitiva do sagrado e do profano que existia nos rituais individuais de adoração e na magia, para formar um conjunto coletivo, institucionalização de adoração e ética.

Uma sociedade cujos membros estão unidos por se representarem da mesma maneira o mundo sagrado e por traduzirem essa representação comum em práticas idênticas, é isso que chamamos uma igreja. Ora não encontramos na história uma religião sem igreja. (DURKHEIM, 1996, p.28)

Para Durkheim, na verdade não se precisa necessariamente existir uma igreja, (templo) mas uma igreja no âmbito de organização social e coletiva, onde todos comunguem das mesmas práticas religiosas. O que ele chama de esfera primitiva, está ligado ao ímpeto humano de adoração, de veneração e de agradecimento, por parte do homem para com o divino, como se fosse instinto: a verdadeira essência do sagrado, que foge as institucionalizações.

Com o nascimento da religião, serão estipuladas as regras e normas para o convívio coletivo, isso porque todos agora serão adeptos de uma mesma crença, todos participaram dos mesmos rituais, todos adoraram o mesmo deus, ou seja, a própria religião designará o sagrado e o profano.

A institucionalização do sagrado forma a religião, conferindo tom mais publicamente solene aquele, pois reúne os homens em torno da fé que os transporta a uma exaltação, um frenesi, em um mundo diferente, sagrado; diferente do mundo profano, banal e comum do cotidiano. (SANTOS, 2006, p.35)

Estes elementos serão racionalizados, pois serão ferramentas de controle sociais. A religião moldará os padrões de vida dos fiéis e sua atuação para com o resto do mundo, trazendo assim um equilíbrio estável, diferente da ordem primitiva no qual eles foram criados.

O sagrado [...] designam também o bom, o bem absoluto [...] só paulatinamente recebe esquematização ética de um aspecto original peculiar que em si também pode ser indiferentemente em relação ao ético, podendo ser considerado em separado. E nos primórdios do desenvolvimento desse aspecto não há dúvida de que todos aqueles termos significam algo muito diferente do bem. Os intérpretes contemporâneos certamente admitem isso de modo geral, com razão, a interpretação de sagrado como bem é considerada uma reinterpretação racionalista do termo. (OTTO, 2007, p.38)

Nesta análise podemos entender que racionalizar estes elementos, segundo Otto, é fugir da sua essência primordial, que busca seus princípios básicos na ordem natural das coisas, e, principalmente, na experiência individual religiosa.

A obra divina guarda sempre uma transparência, quer dizer, desvenda espontaneamente os múltiplos aspectos do sagrado. O céu revela naturalmente, a distância infinita, a transcendência do deus. A terra também transparente: mostra-se como mãe e nutridora universal. Os ritmos cósmicos manifestam a ordem, a harmonia, a permanência e a fecundidade. (ELIADE, 1992, p.59)

Portanto as instituições romperam com as formas de adoração que provinham da crença natural, para inserir normas e rituais coletivos que ensinam a viver e agir, como é observado nas religiões cristãs.

A religião, apesar de ser intitulada uma instituição irracional, é justamente a responsável pela construção das normas e condutas que influenciam a vida do homem como agente social, portanto, um agente de racionalização das experiências religiosas (em Otto, *irrationais*). A esse processo podemos chamar de racionalização dos elementos metafísicos, ou seja, a transformação dos elementos iracionais do divino, segundo a razão humana, para agir sobre a sociedade.

Assim, o sagrado e o profano, que apesar de encobertos pela religião, é responsável por regir e formular as leis sociais (quando estas partem de princípios – especialmente morais – religiosos). No entanto, as leis sociais que se condicionam da religião são influenciadas pelos elementos culturais. Como a maneira de vestir, temos por exemplos as mulheres mulçumanas, que não podem sair de casa sem descobrir o rosto, esse é um paradigma cultural e religioso.

Durkheim considera a dicotomia do sagrado e do profano como uma forma de viver e pensar a realidade. Di Nola se prediz da mesma concepção, de que os valores a que são dados a cada um desses elementos são predispostos a uma cultura particular, e suas influências devem ser analisadas restritamente.

O que significa que, para além da possibilidade de agressão de uma temática de modo geral do sagrado, se fez em questão em indagar, de vez em quando, cada uma das regiões culturais que deram origem a expressões de sacralidade. (DI NOLA, 1987, p. 118)

A sacralidade, então, é construída da união dos parâmetros irracionais, que podem ser encontradas nas formas de adoração e agradecimento para com o divino; com os parâmetros sociais e culturais encontradas nas necessidades humanas, que serão difundidos pela instituição religiosa. “O caráter sagrado [...] é explicado de modo bastante claro: a força religiosa não é senão o sentimento que a coletividade inspira aos seus membros, mas projetados fora das suas consciências e objetivado” (DI NOLA, 1987,p.137). Os dois conceitos, portanto, se inserem em uma ligação que pode ser observadas através da magia e da institucionalização religiosa. Que serão articuladas através dos rituais.

Para entendermos devemos partir de conceitos já bem definidos: a “magia” segundo Durkheim,é uma forma independente de ligação entre as ações divinas e a natureza, que não se ligam a normas e condutas, que se integram a rituais pessoais, “a magia não tem a maior necessidade, para praticar sua arte, de unir a seus confrades, ela é, sobretudo isolada”, diferentemente da religião que se prende a convenções e normas e se forma a partir da união de um grande grupo.

Logo o que diferencia as duas categorias são a organização institucional e o sentido ético gerador de uma moral presentes no segundo. Na essência da mesma de cada categoria reside o elemento magia, e a diferença entre ambas se apresenta basicamente na institucionalização. (SANTOS, 2006, p.22)

O que podemos então perceber é que uma transcende a outra: a religião é permeada de ritos mágicos, só que inserida pragmaticamente através de normas e condutas.

Assim o sagrado e o profano estão inseridos dentro da ordem mágica e dentro da ordem religiosa, o que difere uma da outra é o caráter institucionalizado, desta ultima.

1.4. Os Agentes difusores do sagrado e do profano

A religião, conforme discutimos acima é a precursora dos elementos sagrados e profanos que regem a sociedade e age na vida do homem como ser coletivo.

Mas a religião por si só não é capaz de transmitir esses elementos geração após geração, na intenção de difusão. Para isso ela precisa de seus agentes formadores que são as crenças, os mitos e os símbolos, impulsionados pelo um sistema que se chama cultura e tradição.

A religião está carregada de elementos culturais. Isso porque a cultura é moldada de acordo com as transformações da sociedade, ou seja, o sagrado e o profano são manipulados para atender as necessidades humanas. E a tradição terá papel de difundir estes elementos dentro do processo religioso.

Tradição é o que mantém o grupo vivo no curso do tempo, força que a sociedade exerce com sentido de perpetuar-se seu papel é unir as gerações [...]. Enquanto a cultura é o conjunto de experiências socialmente acumuladas, é o produto do homem com a natureza, a tradição e o uso dessas experiências, especialmente as mais antigas. (MATINS 1996, p. 25-27 apud ANDRADE, NOGUEIRA, SILVA, 2007, p.13).

A religião, como a forma mais antiga de manifestação humana, já sofreu profundas mudanças na sua essência, assim como carregou também por inúmeros anos seus valores, que transmitido pela tradição, através dos símbolos, dos mitos, das crenças e dos rituais sagrados.

São esses elementos que permitem o sagrado e o profano. O mito, por exemplo, sistematiza o inicio da criação humana e do mundo baseada na sacralidade dos deuses.

O mito [...] está relacionada no sentido de que as figuras divinas são os soberanos, super-humanos, de sociedades humanas, [...] e as ações divinas que estão registradas não são datados no passado, [...] esta para todos os nossos cálculos no tempo, chamando-se de princípios das coisas. (COLLINGWOOD, 1994, p.28)

O mito descreve através dos princípios das coisas a separação do espaço sagrado e do profano, por um criador. O mito é o mais antigo elemento da ordem do sagrado e do profano, já existia antes da religião, nos primórdios da civilização, com a intenção de explicar a existência de tudo na terra e na vida humana.

O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do tempo, *ab inito*. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, já que os personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores. (ELIADE, 1992, p.50)

Depois dos mitos, outra ordem importante são os rituais que foram criados com a intenção de adorar e agradecer estes deuses místicos que criaram tudo que existe: “A religião, assim, administra e viabiliza o sagrado, no qual o rito se insere como gesto social, expresso de uma realidade objetivamente constituída e meio de criação e recriação da fé”. (SANTOS, 2006, p.35)

Os rituais serão criados como forma de aproximação do homem com seus deuses, no qual estes se encaixaram na ordem das coisas sagradas, iniciando um

processo de divisão entre o sagrado e o profano. O que faz relação à ordem divina será sagrado, o que se afasta do mesmo, é recalcado como profano.

Os rituais são segundo Durkheim modos de ação determinados que emana da crença e dos mitos. Portanto através da fé, o homem passa a agir em todas as suas manifestações de acordo com os desígnios sagrados. Para Eliade, por outro lado,

A função mais importante do mito é, pois, “fixar” os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação etc. Comportando-se como, ser humano plenamente responsável, o homem imita os gestos exemplares dos deuses, quer se trate de uma simples função fisiológica, como alimentação, quer de uma atividade social, econômica, cultural, militar etc. (ELIADE, 1992, p.52)

Além destes existe também os símbolos, criados pelo homem como forma de personificação divina, ou seja, se o Homem não tem contato direto com deus, pelo menos pode se aproximar dele através de seus símbolos. Exemplos disso é a cruz da religião católica, o véu da religião islâmica, os incensos e velas da religião budista, as imagens esculturais da religião hinduísta, e as vestimentas das religiões africanas. São todos estes símbolos usados em algum ritual que exprimem suas crenças e estabelecem o contato com o ser supremo.

Os símbolos sagrados [...] na crença e na prática religiosa [...] torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas que a visão do mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente para ser representada como uma imagem de coisas verdadeiras. (GEERTZ, 1973, p.68 apud ANDRADE, NOGUEIRA, SILVA, 2007, p.11).

Os símbolos são instrumentos usados nos rituais e também de uso pessoal que exprima contato e lembrança para com o sagrado. Existem também os símbolos de natureza profana, que ferem e denigre a imagem do sagrado, isso é claro de acordo com as premissas religiosas de cada grupo religioso; a vaca, por exemplo, na Índia é um símbolo do sagrado, da beleza e da fertilidade; para os cristãos ela é um animal destinado a alimentação.

Para se utilizar dos símbolos e realizar algum ritual é necessário um espaço sagrado, ou seja, um lugar destinado ao culto e à invocação divina. Esse lugar pode ser um ambiente fechado ou aberto, todavia é em sua maioria fechado. O ambiente fechado é aquele construído: pode ser um templo, uma igreja, uma caverna, uma casa de oração, dentre outros. Os ambientes abertos localizam-se, normalmente, na própria natureza e pode ser de baixo de uma árvore, uma praia ou um deserto.

O espaço sagrado é como um centro de ligação entre o humano e o divino, no qual o Homem por meio dos rituais, das orações e dos cultos pode se comunicar com deus. Segundo Eliade (1992, p.19) o templo constitui, por assim dizer, uma abertura para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses.

O espaço pode ser escolhido pelo homem ou pode ser escolhido pelos deuses através das supostas manifestações divinas. Eles são a porta de salvação do mundo e por meio deles que é transmitido o sagrado ao mundo.

O templo [...] lugar santo por excelência, casa dos deuses, o templo ressignifica continuamente o mundo, uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo. Definitivamente, e graças ao templo que o mundo é ressignificado em sua totalidade (ELIADE,1992, p.34)

Portanto, o sagrado e o profano são elementos formadores dos mitos, das crenças, dos rituais, do simbolismo e do espaço sagrado que por sua vez formam juntos a instituição religiosa, que são difundidas pela a tradição.

2. UM REGASTE HISTÓRICO DA CIDADE DE PONTALINA E A DA FESTA EM LOUVOR SANTA RITA DE CASSIA

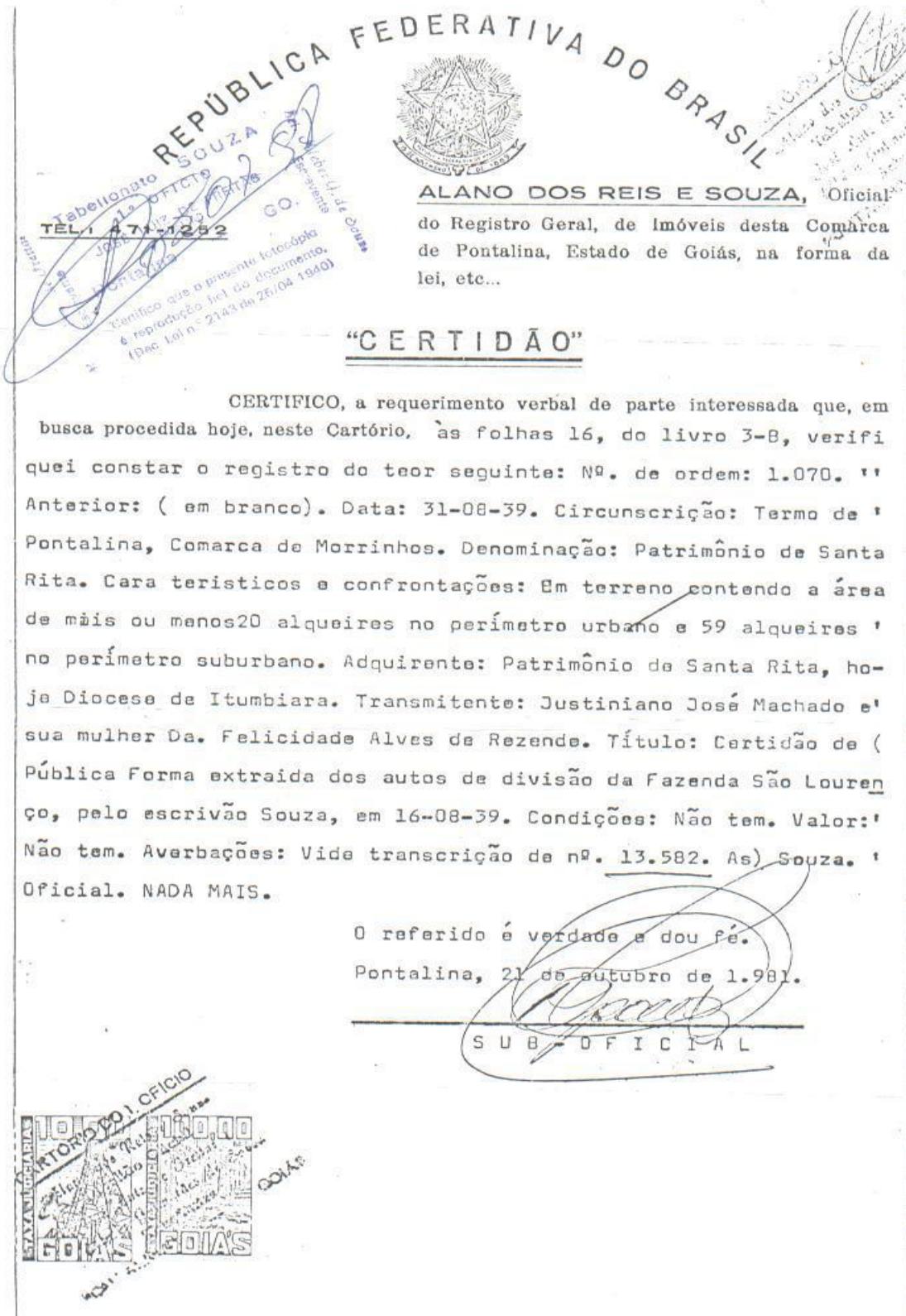
Antes de adentrarmos aos rituais da festa em louvor a santa Rita de Cássia, faz-se necessário uma analogia histórica entre festa e cidade de Pontalina, isso porque a religiosidade sempre esteve atrelada a cultura popular deste povo. A devoção a santa foi introduzido na região por bandeirantes paulistas e mineiros que aqui chegaram por volta do século XIX. “Por volta de 1826 a 1841 foram surgindo habitações (ranchos) com demarcações pouco definidas, não havendo exatidão nas metragens dos terrenos. Os

“quinhões” de terras foram surgindo pouco a pouco dando origem às fazendas.” (ROSA, p.16, 2004)

Temos muitas igrejas em louvor à santa Rita de Cássia no estado de Minas Gerais pode supor que os desbravadores eram de algumas dessas regiões. Com o fim da mineração e com o inicio da criação de gado essas regiões começam a ser ocupadas.

Os primeiros núcleos habitacionais da cidade desenvolveram-se em torno da capela de Santa Rita de Cássia, este local servia de ponto de encontro entre as fazendas da região, dentre elas São Lourenço, de propriedade do Sr. Justiniano José Machado; Paraíso, de propriedade do Sr. João Xavier Ferro; São João, de propriedade do Sr. Francisco Dutra Pereira; São Bento, de propriedade do Sr. Antônio Soares de Souza e Justo José de Magalhães.

As terras da capela, onde seria construída a igreja, foi doada por Justiniano José Machado e sua esposa. No qual esta tem por data, 3 de maio de 1841 como cita a escritura, registrada no registro de imóveis de Morrinhos, Lv. 3-A, à fl. 99, sob o nº 1.070, evidenciada também no Registro Geral de Imóveis da comarca de Pontalina “Cartório do 1º Ofício”. A partir da construção da capela, iniciou-se a aglomeração da região, que foi chamada de arraial de “Santa Rita do Pontal.”



Essa região leva o primeiro nome em homenagem à santa por ter sido ela a protetora e percussora da cidade, o segundo nome levanta grandes inquietações segundo os testemunhos orais dos mais antigos moradores refere-se à localidade da cidade entre os Rio dos Bois e o Rio Meia ponte, mas a geografia explica este nome baseado na hidrografia da cidade.

A geografia na qual está localizada a cidade evidencia que o nome pontal, de onde deriva Pontalina, não vem da divisão do município pelos rios Meia ponte e Rio dos Bois (como muitas pessoas da localidade sugerem que seja), mas sim pela geografia da cidade, a qual é circundada em três partes pelos córregos: “Lava-pé”, situado a oeste da cidade; “Lavador” ou “Rola-Bosta”, a leste e “Mateiro”, a sul da cidade. Sendo assim, cria-se uma ponta de terras cercada pelas águas destes córregos. (ROSA, 2004, p.33)

Com a criação da capela e do pequeno aglomerado urbano, este local começa a comemorar durante o mês de maio a festa em louvor a Santa Rita de Cássia, e como na região não tinha um padre oficial, durante este mês, quando a capela recebiam um padre de fora, toda a população se mobilizava para ir ate a capela, se confessar, para se casar, para se batizar, para comungar, para ungir objetos e animais e etc.

Assim a criação da cidade esta intimamente ligada às tradições festivas, que nasceram com a criação da capela de Santa Rita de Cássia, que se firmou como tradição Pontalinense, em 1938, com a elevação do arraial em cidade de Pontalina e com a santa tornando-se padroeira da nova cidade.

2.1. As festas religiosas no Brasil e em Goiás

2.1.1. A formação dos ritos festivos no catolicismo

As festas desde o início da formação dos indivíduos como agentes sociais, são representações culturais ligadas à mística, que tem por objetivos básicos a ritualização à sobrevivência, a adoração, ao agradecimento e ao surgimento das coisas no mundo e do próprio mundo. Um exemplo disso é os rituais festivos dos indígenas e africanos ligados ao agradecimento à natureza pelo o que lhe foi oferecido, tais como a chuva, o sol, o fogo e a terra.

Com a consolidação da religião cristã, ela passa estabelecer os rituais festivos, a determinar os deuses, as liturgias e os símbolos, passando de uma ordem primitiva para uma ordem social e cultural. O catolicismo é exemplo disso, “com o fortalecimento da igreja católica, a partir do século IV depois de cristo, as festas pagãs vão ser transformadas em festas cristãs em homenagem a diversos santos dessa igreja.” (DEUS; SILVA, p.14, 2002)

Partindo deste princípio, o catolicismo como forma de religião, passa a disseminar seus ensinamentos, chegando ao Brasil através dos portugueses pelas expedições marítimas.

Na própria chegada dos portugueses ao Brasil, podemos encontrar segundo, Eliade, movido pela particularidade do catolicismo; a sacralização do mundo, a ritualização de iniciação e da transformação do caos em cosmos.

Um território desconhecido, estrangeiro, desocupado (no sentido, muitas vezes de desocupados pelos nossos) ainda faz parte da mobilidade fluida e larvar do Caos. Ocupando o e, sobretudo, instalando se, o homem transforma o simbolicamente em cosmos mediante a repetição ritual da cosmogonia...os conquistadores espanhóis e portugueses tornavam posse, em nome e Jesus Cristo, dos territórios que haviam descoberto e conquistado. (ELIADE, p.22, 1992)

E no simbolismo; presente na ereção da cruz e no nome dado a terra descoberta e renovada.

A ereção da cruz equivalia à consagração da região e, portanto, de certo, a um novo nascimento. Porque, pelo Cristo, passaram as coisas velhas; eis que tudo se fez novo. (II Coríntios, 5:17) A terra recentemente descoberta era renovada, recriada pela Cruz. (ELIADE, p.22, 1992)

Estas expedições não tinham caráter religioso e sim comercial; mas quando os portugueses iniciaram o povoamento do Brasil a partir de 1530, acabou utilizando à religião como instrumento civilizatório aos nativos indígenas e ao imigrante africano.

A difusão das festas católicas no Brasil nasceu da união de culturas indígenas, africanas e européias. O catolicismo foi introduzido no Brasil, pelos portugueses durante a colonização, daí em diante se mesclou a cultura indígena e a cultura africana.

As principais festas portuguesas vieram para o Brasil e no início eram praticadas de acordo com o costume europeu mas, também eram utilizadas pelos padres jesuítas para ensinar o catolicismo para os índios e depois aos africanos, que vieram trabalhar como escravos. O resultado de tudo isso é que no Brasil, foram reelaborados transformando em uma mistura que resultou nas diferentes festas e costumes existentes. (DEUS; SILVA, p.15, 2002)

Portanto a simbologia do sagrado e do profano no catolicismo foram impostos pelos portugueses; aos indígenas e aos africanos na intenção de civilizar e acabar com o paganismo. Mas o que era obviamente português acabou tornando-se através do processo de aculturação, uma forma particular da tradição brasileira.

Já que o padrão de vida da época colonial, era o português, em uma sociedade recheada de africanos e indígenas, as festas passaram a funcionar como mediadora cultural entre as diferentes raças, fazendo da festa um local para a diversão, encontros de pessoas, e de liberdade cultural, as diferenças acabavam se mesclando, dando a festa um caráter tipicamente brasileiro.

As festas são ligadas a tradição do lugar a qual estão inseridas; e como acontecem periodicamente muitos rituais se inovam e outros permanecem intactos. As festas católicas em sua maioria acontecem para celebrar os dias dos santos, para adorar, para agradecer ou buscar uma graça.

Como um sistema social institucionalmente flexível capaz de, ao mesmo tempo, conservar elementos tradicionais e incorporar outros novos, com que se redimensionam frente a modificação das sociedades ou de grupos sociais onde se realiza, ou a que promovem diretamente.(BRANDÃO, p.212, 1974)

Movido pelas particularidades os devotos sempre encontram seu motivos para participar das festividades; unindo o espaço e os rituais sagrados aos elementos cotidianos das pessoas; constituem as festas. “As festas seguiram caminhos diferentes, mas, de modo geral, preservaram as características dos lugares, do tempo, e das pessoas que as fizeram e as fazem.” (DEUS; SILVA, p.16, 2002)

Assim as festas são mais que rituais religiosos, são características da sociedade a qual estão vinculadas, são meios de comunicação entre os fiéis, pois neste momento dos rituais festivos permitem a interação humana, ou seja, vai além da interação das coisas divinas; permitindo um encontro de pessoas que comunguem juntas os mesmos valores.

Portanto, pensar o sagrado e o profano nas festas, é avaliar as premissas culturais e sociais , presentes na construção da identidade católica. Isso porque a festa denuncia e recria através dos ritos, os valores religiosos de determinada comunidade. “A festa não só reproduz os símbolos de seus valores e sua identidade, mas o modo recria codificamente a sua própria

ordem e ao mesmo tempo a ideologia porque se legitima e através da qual legitima também quem faz e como faz, dentro das relações previstas nos rituais da festa". (BRANDÃO, p.23, 1972)

Isso porque a identidade torna-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2003, p.12).

No entanto, descrever as festas, é olharmos para uma sociedade e suas vertentes culturais, é olhar para outro e sentir se iguais, sentir pertencentes a um mesmo grupo.

[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação* [...] Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, p. 49)

Assim nas festas religiosas de modo geral, podemos encontrar aspectos da vida cotidiana social, aspectos culturais ligados a tradição e aspectos simbólicos ligados a religião, que juntos constituem uma unidade ritualística sagrada.

2.1.2. As festas aos santos padroeiros: o tempo e o espaço sagrado

As festas religiosas em louvor aos santos padroeiros na comunidade católica, acontecem sempre periodicamente, no qual o tempo sagrado da festa determina; uma homenagem, uma honra ou uma rememorização da consagração do espaço.

Assim como o pai (católico) escolhe um padrinho para seu filho e o batiza para garantir sua segurança na vida espiritual, as pessoas também escolhem um santo para sua cidade, na intenção de garantir proteção, ritualizar os simbolismos de iniciação e de renascimento.

Como sabemos até o final do século XVIII, no Brasil a igreja e o Estado eram instituição ligadas, quando surgiam pequenas povoações que poderiam formar cidades, a

igreja logo se encarregava de mandar para esses lugares padres, que junto com os devotos escolhiam seu santo padroeiro; “ uma espécie de padrinho da cidade capaz de proteger e ajudar o homens de suas misérias”

Assim as cidades cresciam e se desenvolviam e em torno de igrejas; e como a população era maioria da zona rural, via nos cultos e festejos da igreja, a única forma de interação na vida urbana; ou seja, alem de pedir e agradecer pelas boas colheitas aproveitava as festas para se divertir. E este é o motivo das festas serem tão tradicionais, pois carregam hábitos culturais do mundo rural. “Por ocasião das festas religiosas, a aristocracia rural deixava as fazendas para viver ali um breve período de convívio urbano festivo. Afora estas ocasiões, atravessavam uma existência pacata.” (RIBEIRO, p.195,)

Portanto o tempo sagrado das festas dos padroeiros sempre são os mesmos, isso porque se baseavam na história de vida dos santos e no seu período de canonização; a festa da padroeira de Pontalina; Santa Rita de cássia é sempre comemorada nos mês de maio, por ter sido neste mês que a santa foi canonizada. Portanto este mês do calendário profano, torna-se sagrado para o tempo religioso; e os rituais da festa são formas de aproximação com a santa; seja para pedir ou agradecer.

O culto dos santos padroeiros e as festividades do calendário religioso - centralizado nas capelas com os respectivos cemitérios, dispersos pelo sertão, cada qual com seu círculo de devotos representados por todos os moradores das terras circundantes - proporcionavam ocasiões regulares de convívio entre as famílias de vaqueiros de que resultavam festas, bailes e casamentos. (RIBEIRO, p.343)

Assim todos os rituais da festa são união entre convívio social e religião.

Segundo Eliade, (p.38) “toda festa religiosa, todo tempo litúrgico, representa a ritualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico”, assim a consagração de Rita de cássia em santa, em 1752, e sua consagração a padroeira de Pontalina, por volta de 1938, fazem da festa de maio a ritualização deste passado, que é lembrado pelos devotos.

2.2. Os rituais festivos da festa em louvor a santa Rita de cássia na cidade de Pontalina

2.2.1. Alvorada

A Alvorada é o primeiro ritual que abre o período cosmogonico da festa em louvor a santa Rita de Cássia, inicia-se sempre as madrugadas, por volta das 4:00 hs às 5:00 hs da manhã, percorrendo as principais ruas da cidade (avenida Comercial, avenida Bahia, avenida Morrinhos e avenida Radial Norte) os devotos, os festeiros e os padres cantam e oram em louvor a santa, sai da igreja e retornam a igreja por volta das 7:00 hs, em seguida a maioria dos devotos, vão para a casa paroquial onde começa os trabalhos de preparação da festa, que começa a noite. Neste ano a alvorada aconteceu no dia 17 de maio, mais cedo que nos anos anteriores.

2.2.2. Calvagadas

Este ritual é também chamado de procissão, marca a transferência da festa realizada no circuito rural para o circuito urbano, uma vez que, os cavalheiros trazem a imagem da Santa Rita de Cássia, das fazendas para a igreja na cidade, este ritual acontece no mesmo dia da alvorada, mas em período da tarde. Neste ano a santa saiu da fazenda do Senhor Edvaldo Braga, organizador da calvogada em 2013. Próximo a comunidade do paraíso, por volta das 17:00hs, percorrendo a GO- 040, até à cidade.



Figura 1, GO

040, percurso da procissão (calvogada) até a cidade de Pontalina. Elaboração própria 17/ 05/2013.

Essa comitiva é recebida por toda a população Pontalinense, por onde a santa passa se vê aglomerados humanos, nas ruas, na porta dos comércios, nas casas, nas lanchonetes e bares. Como a comitiva passa somente na Avenida Bahia e Avenida comercial, ou seja, no

centro da cidade, as pessoas dos vários setores da cidade se concentram nestas ruas para ver a santa passar.

2.2.3. O passeio ciclístico

Este ano foi incorporado dentro das manifestações religiosas o passeio ciclístico em louvor a Santa Rita de Cássia, que aconteceu às 8:00hs, do dia 22 de maio. O motivo para essa mobilização se deve ao incentivo para as práticas esportivas, que condicionam uma boa saúde, a iniciativa partiu dos festeiros (Jô e Kaká) junto com a renovação carismática católica. Se a idéia vai se difundir para os próximos anos ainda não sabemos, mas que a idéia este ano atraiu atenção e participação dos devotos isso sim.



Figura 2, imagem retirada do site da cidade, "pontalnews". Passeio ciclístico, realizado no dia 22/05/2013.

2.2.4. Procissão

A procissão está realizada sempre no último dia da festa, tem por objetivo uma aproximação com a forma de vida e com os ensinamentos da santa, no qual as pessoas saem de pé, caminhando com suas velas e seus terços na mão, acompanhando a Santa, por todo o trajeto percorrido. Cantando, orando, pedindo e chorando muitos fazem suas preces e seus agradecimentos. Nos anos anteriores as procissões saiam da praça da cidade “Alfredo

Nasser” e iam ate a igreja. Após a construção da praça da matriz em 2010, a procissão sai e termina na praça da matriz, que se localiza em frente à igreja Matriz Santa Rita de Cássia.

A procissão dura ate às dezenove horas, quando se inicia a missa de encerramento da festa, onde os padres agradecem a participação à contribuição de todos na festa.

2.2.5. As missas ou novenas de santa Rita

Como podemos perceber as missas são rituais religiosos, que perifraseiam a festa em louvor a Santa Rita de Cássia, desde o primeiro dia, ate o encerramento da festa; cada missa tem uma finalidade específica; dentre as quais podemos destacar a missa pela a união das famílias, a missa dos jovens, a missa pela união dos casais, a missa pela boas colheitas, pela prosperidade e etc.



Figura 3,

missa celebrada pela a prosperidade agrícola. Elaboração própria 19/10n2013.

Para o ano de 2013, a festa foi oferecida pelo casal de festeiro Jô e Kaká, dois fazendeiros renomados na cidade de Pontalina, e como no ano anterior as produções agrícolas foram de baixas devido à falta de chuvas; os mesmos ofereceram as missas para santa Rita de Cássia, em nome das boas colheitas e da prosperidade agrícola Pontalinense.

As missas acontecem todos os dias, enquanto durar a festa, pode se dizer que as missas são rituais de sacralização da festa; isso porque só e dada a largada para o inicio da festa a partir do momento que os fiéis recebem a benção e a eucaristia do padre. Assim o que Eliade chama de cosmogonia, acontece periodicamente, ou seja, a preparação do tempo e do espaço, para receber a sacralização do divino.



Figura 4, fiéis tomando a eucaristia, no final da missa. Elaboração própria 20/ 05/ 2013. Padre Guilherme dando ortia aos fiéis.

2.2.6. A preparação da festa

Durante o dia todo voluntários trabalham para a elaboração da festa, a partir da divisão do trabalho cada um desempenha uma função, dentre as quais podemos destacar a limpeza do espaço da festa, a preparação dos alimentos que serão vendidos durante a noite; dentre quais a pamonha, (comida típica da festa) o caldo, as batidas, os cremes, os salgados e o espetinho, tem aqueles que tem a função de cuidar da decoração da festa, aqueles responsáveis pelo movimento do caixa, o que é responsável pelo bar (umas das mais lucrativas barracas da festa) e aqueles que tem a função de servir os participantes; os garçons.

A preparação da festa em si, tem cunho econômico, seu objetivo é angariar fundos para igreja, a festa, que era encontro de diversidade cultural e de diversão, torna-se um espaço reservado para o consumismo, às manifestações religiosas em louvor a santa Rita de Cássia é encontrada nas manifestações externas ao da igreja: as procissões, as calvogadas e a alvorada. A noite nos deparamos com uma serie de barracas prontas para vender seus produtos, e uma serie de mesas e cadeiras, recheadas de pessoas dispostas a consumir e em alguns casos jogar conversa fora.

2.2.7. A festa de maio durante a noite

Depois de um longo dia trabalho a festa esta pronta para receber seus participantes. Podemos observar dois espaços, interligados mas divididos: o primeiro que comprehende o

espaço sagrado, a igreja aonde acontece a missa, e o segundo o pátio do salão paroquial aonde é realizada a festa de Maio, ou seja, o ritual intitulado como o profano.



Figura 5, imagem referente a participação dos fiéis, no espaço destinado a missa, foto tirada em 18/05/2013, as 20:00 hs.

Dois espaços distintos, mais interligados pela religião, pela fé e pela devoção, daqueles que a produzem. O espaço religioso da missa e o espaço religioso da festa são divididos apenas por uma barra de ferro, que fica entre a praça da igreja, e o pátio do salão paroquial, onde é construído as barracas.



Figura 6, imagem do muro que divide o espaço da igreja e do salão paroquial, foto tirada em 19/05/2013.

Voltando as perspectivas de Durkheim e Eliade, de que o sagrado nada mais é que a oposição do profano, defini-los em bases religiosas é buscar resposta a nossa volta, ou seja, nas pessoas, nos rituais, no ambiente social e cultural a qual ambos se complementam. Isso porque o sagrado e o profano devem se encaixar na esfera do mundo, porque são dois elementos distintos que regem a estrutura cósmica.

Portanto a igreja e a praça que é o local onde acontece as missas, serve de mediador para a sacralização da festa, assim como a chegada da santa da zona rural a cidade e a sacralização do cosmo (cidade), assim mesmo que o espaço esteja divido, o tempo sagrado entre eles é o mesmo.

Uma festa desenrola se sempre no tempo original. É justamente a reintegração desse tempo original e sagrado que diferencia o comportamento humano durante a festa daquele de antes ou depois. Em muitos casos, o homem religioso crê que vive então num outro tempo, que consegui reencontrar *o illud tempus* místico.(ELIADE, 1992, p.46)

Assim a essência religiosa e o tempo sagrado do mês de maio fazem com que os devotos católicos, tenham uma ligação direta com a santa, relembrando seus ensinamentos.

Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cavalhadas de Pirenópolis. Goiânia: Oriente, 1974.
- DEUS, Maria; SILVA, Mônica. *História das festas e religiosidades em Goiás*. Goiânia: AGEPEL/UEG, 2002.
- DEUS, Maria; SILVA, Mônica. *História das festas e religiosidades em Goiás*. Goiânia: AGEPEL/UEG, 2002.
- DI NOLA, Afonso. Sagrado/profano. In: Encyclopédia Einaudi. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1987. Vol. 12.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o profano: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-5ed- Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- OLIVEIRA, Fernanda Souza. *Reciprocidade, comida e vínculos sociais: na festa de santa Rita de cássia*. Goiânia: Ed. Kelps, 2011.
- OTTO, Rudolf. O Sagrado. Os aspectos Irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: vozes, 2007.
- ROSA, Antonio Henrique. Santa Rita do pontal: Um resgate histórico de um povo. Pontalina, 2004 90f. Monografia.(Especialização em História) Fip- MINAS Gerais.